



NOTAS SOBRE A POLÊMICA DO “BEIJO GAY” EM UM DESENHO ANIMADO INFANTIL DA DISNEY

NOTES ABOUT THE POLEMIC "GAY KISS"
IN A DISNEY ANIMATED CARTOON FOR CHILDREN

Dayane Adriana Teixeira Oliveira¹
Regina Baracuh²
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Partindo das reflexões de Michel Foucault sobre a sexualidade, podemos dizer que, mais do que nunca, há uma crescente necessidade de se problematizar esse tema, tendo como principal motivação, as discussões atuais sobre a homoafetividade e a identidade de gênero. Este artigo centra-se no acontecimento “beijo gay em um desenho animado infantil da Disney”, que causou grande polêmica e reverberou na mídia digital no ano de 2017. Nosso objetivo é analisar, à luz das contribuições de Michel Foucault para a Análise do Discurso, alguns enunciados produzidos, a fim de investigar as relações de saber/poder e de resistência instauradas. Consideramos que o acontecimento analisado provoca certas rupturas com o regime heteronormativo, ao mesmo tempo que afirma a diversidade sexual em nossa sociedade.

Palavras-Chave: Disney; Análise do Discurso; Relações de saber-poder; Beijo gay.

¹ E-mail: dayane.ato@gmail.com.

² E-mail: mrbaracuh@hotmail.com.

Abstract: Starting from Michel Foucault's reflections on sexuality, we can say that, more than ever, there is a growing need to problematize this theme, having as its main motivation, the current discussions about homoafetivity and gender identity. This article focuses on the event "gay kiss on a Disney animated cartoon for children" that created great controversy and reverberated in the digital media in the year 2017. Our goal is to analyze, in light of Michel Foucault's contributions to Discourse Analysis, some statements produced in order to investigate the established relations of knowledge/power and resistance. We consider that the event analyzed causes certain ruptures with the heteronormative regime, while affirming the sexual diversity in our society.

Keywords: *Disney; Discourse analysis; Knowledge-power relations; Gay kiss.*

INTRODUÇÃO

“O século XIX e o nosso foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação, uma dispersão de sexualidades, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das “perversões”. Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais. “

(Michel Foucault)

A questão da sexualidade é, por si só, um campo de batalha, sobre o qual nós, seres sexuados, travamos lutas infindas desde os tempos mais remotos de nossa existência até os dias atuais. As “heterogeneidades sexuais” (1976) apontadas por Foucault se colocam como formas de resistência às relações de saber/poder que sustentam e produzem verdades sobre o sexo para o nosso tempo, dentro de uma descontinuidade histórica que nos constitui.

A essa questão, Michel Foucault dedicou em seus estudos três volumes, sem mencionar tantos outros textos. No primeiro deles, *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1976), Foucault investiga o sexo em discurso nos moldes da Nova História, a partir do fim do século XVI e o processo de construção de uma ciência da sexualidade.

Partindo das reflexões de Foucault, podemos dizer que mais do que nunca parece haver uma crescente necessidade de se problematizar o tema da sexualidade, tendo como principal motivação, as discussões acerca das relações homoafetivas e da identidade de gênero. Com isso, não queremos dizer que há alguma novidade nesses temas, mas que hoje ambas se encontram, como o próprio Foucault indica, na *ordem do discurso*, é uma “vontade de saber que não se detém diante de um tabu irrevogável” (2017: p 18).

No entanto, é importante destacar que, segundo Foucault, práticas divisoras para objetivar/subjetivar os seres humanos se desenvolveram nos últimos tempos, como por exemplo, o são e o louco, o normal e o anormal, etc. Podemos apontar certas práticas sexuais consideradas normais/naturais ou anormais/desviantes/não naturais, tendo como principal par opositor heterossexualidade *versus* homossexualidade. Apesar da aparente abertura que os segmentos homossexuais obtiveram na chamada sociedade heteronormativa, é preciso considerar que essa relação saber/poder envolve relações de força, de poder e de resistência.

Por isso, existem ainda alguns espaços em que o relacionamento homossexual permanece um tabu sobre o qual não se pode lançar luz. Esse lugar é o que chamamos de infância. Dentro desse universo, onde a ordem é proteger, os desenhos infantis ganharam uma função especial. Considerados um espaço privilegiado para a disseminação de crenças e comportamentos do mundo dos adultos para o universo infantil, os desenhos animados, além de divertir, podem ser, por vezes, instrumentos didáticos com vistas à normatização social. Lembramos, contudo, que cada desenho animado é um produto de sua época e, portanto, apresenta as verdades de seu tempo. Dessa forma, os desenhos infantis tendem a mostrar as novas relações familiares em que as crianças estão expostas em nossa sociedade.

Em março de 2017, uma cena de beijo homoafetivo, em um episódio do desenho animado *Star vs. As forças do mal*, da *Disney*, repercutiu e gerou muita polêmica, reverberando na mídia digital, em revistas e blogs virtuais, redes sociais e em canais do *YouTube*, despertando opiniões de diversos grupos sociais – comunidades científicas, religiosas, LGBTs etc.

A colocação da homossexualidade no discurso de desenhos infantis levanta algumas questões que desejamos responder ao longo deste trabalho:

1. O beijo gay em um desenho infantil (enquanto acontecimento discursivo) faz emergir que tipos de enunciados?
2. Que relações de poder podemos identificar nesses enunciados?
3. Que modos de existir essa prática corporal discursiva que é o beijo coloca em evidência?

A partir desses questionamentos buscamos investigar como esse acontecimento reverberou na mídia digital, que enunciados foram produzidos, identificando as relações de saber/poder e resistência que o constituem. A partir

disso, propomo-nos a pensar como ocorre a emergência da(s) identidade(s) na sociedade contemporânea.

Para nos auxiliar nessa análise, convocamos as ideias de Michel Foucault e de seus comentadores (GREGOLIN, 2003; MACHADO, 1989; NAVARRO, 2016), com ênfase nas noções de *acontecimento discursivo* e *enunciado*, bem como as suas reflexões sobre discurso, poder, sujeito e sexualidade enquanto *dispositivo*.

Partindo de um acontecimento discursivo – o beijo gay em um desenho animado infantil da Disney –, vamos selecionar alguns enunciados que gravitaram em torno dele, ressignificando-o. Trata-se, portanto, de uma investigação restrita a um conjunto de enunciados dispersos que reunimos de acordo com o campo associativo no qual eles se inscrevem, buscando assim alguma regularidade.

Cabe ao analista, após realizar o recorte discursivo, mobilizar conceitos disponíveis na teoria que oriente a análise de acordo com seus objetivos. Mais especificamente, partindo das reflexões foucaultianas, temos o método *arqueogenalógico*, no qual, ao mesmo tempo em que investigamos condições históricas de possibilidade dos enunciados/saberes, buscamos compreender as possíveis relações que se estabelecem entre as práticas de poder, os jogos de verdade e a constituição de diferentes modos de subjetivação no discurso midiático.

1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA SEXUALIDADE A PARTIR DAS REFLEXÕES DE MICHEL FOUCAULT

Sabe-se que Foucault jamais pretendeu elaborar uma teoria ou disciplina do discurso, no entanto, desde 1960, suas ideias vêm sendo amplamente estudadas e discutidas, confirmando cada vez mais sua importância, não apenas para o campo da Análise do Discurso, conhecida como AD, mas em diversas áreas do conhecimento (História, Medicina, Sociologia, Filosofia, etc.). Os estudos foucaultianos consideram as condições sócio-históricas (não lineares) de existência dos discursos em sua heterogeneidade. Contudo, Foucault possui um olhar diferenciado, voltado para as margens:

Como cartógrafo de nosso tempo e de nosso mundo, Foucault teria deslocado seu olhar para as bordas constitutivas da racionalidade ocidental ao se dedicar a estudar a *desrazão*, a loucura, a normalidade, a monstruosidade, a sexualidade, o corpo, a literatura, os ilegalismos, os infames, tudo aquilo que a

racionalidade moderna excluiu, desconheceu, definiu como passível de punição, de normalização e de medicalização (JÚNIOR; VEIGA-NETO; FILHO, 2012, p. 9)

De acordo com o próprio Foucault (1995), seu principal objetivo, “foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (p. 231), daí a incessante pergunta: *Quem somos nós hoje?* Ao questionar nossa identidade, Foucault nos desafia a pensar como poderíamos ser diferentes.

“*Pisar em ovos*” é a expressão que melhor define a abordagem de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea, principalmente no universo infanto-juvenil, uma vez que, no ambiente doméstico e escolar, ela é interdita quase que por completo e não raro normatizada pelo dispositivo científico/biológico que se resume à função de reprodução humana.

Numa perspectiva foucaultiana, no entanto, a sexualidade não se refere à explosão dos instintos, mas diz respeito a um amontoado de discursos que a transformam em um dispositivo de poder, ou seja, como função estratégica de controle dos indivíduos que resulta na produção de subjetividades:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 243-244).

Dessa forma, o próprio sexo, por exemplo, se tornou um “objeto histórico”. Nos últimos séculos, as sociedades ocidentais não revelam um poder essencialmente repressivo em relação ao sexo, isso porque, como nos esclarece Navarro e Miranda (2016):

O Ocidente não negou a sexualidade, isto é, não disse não ao sexo, por isso a questão não deve ser posta em termos de interdição, mas de uma proliferação dispersa de discursos sobre o sexo e a sexualidade dos indivíduos. E tais formas dispersas de colocação do sexo em discurso teriam por função não impedir o indivíduo do exercício da sua sexualidade, mas justamente fazer da sexualidade um elemento constitutivo dessa ligação que obriga as pessoas a se associar com sua identidade na forma de subjetividade. (p. 34)

Por isso, Foucault aponta que o dispositivo da sexualidade, bem diferente da lei, mesmo que se apoie em procedimentos de interdição, assegura a multiplicação de sexualidades e a proliferação de saberes sobre o sexo. Dessa forma, o que está em jogo é essa *vontade de saber* que se constitui no interior de uma verdade científica, extraindo desse discurso a verdade do sujeito – “é necessário considerar esses mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discurso, indutores de prazer e geradores de poder” (FOUCAULT, 2017, p. 82).

Nessa perspectiva, se torna necessário, nesse trabalho, uma investigação das estratégias de poder que são imanentes a essa vontade de saber sobre a sexualidade. Isso perpassa uma tríade importante, no que diz respeito aos estudos foucaultianos, que é a relação entre poder/sujeito/saber. Podemos entender o poder como um conjunto de mecanismos que incide e atua sobre a vida, portanto, as investigações do funcionamento desse poder devem considerar “como” ele coloca em jogo as relações entre os indivíduos, como ele perpassa os discursos e principalmente, como os mecanismos de poder que atuam nos dispositivos produzem subjetividades.

Em se tratando de uma perspectiva foucaultiana do poder, é imprescindível destacar seu caráter microfísico, ou seja, não centralizado, está em toda parte e incide em todas as instâncias sociais. São *microlutas*, relações de força: “o principal objetivo dessas lutas é atacar, não tanto ‘tal ou tal’ instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas antes uma forma de poder” (FOUCAULT, 1995, p. 235). Vale ainda ressaltar que o poder também pode ser considerado como uma instância de lei que determina o permitido e o proibido, como prescrição de ordens, censura e interdição, no entanto, gerando sempre a resistência. É na resistência que incide a positividade do poder, pois ele só pode atuar sobre indivíduos livres:

Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar, ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de força. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (MACHADO, 1989, p. 18)

Foucault já apontava que a luta contra as formas de objetivação – contra a submissão da subjetividade – estava se tornando cada vez mais expressiva; o que vem se confirmando nos dias atuais, principalmente no que diz respeito à

questão da sexualidade. Nesse campo, podemos ver as lutas como uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, pois ao mesmo tempo que questionam o saber privilegiado, se opõem “ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas” (FOUCAULT, 1995, p. 235). É no discurso que se articulam saber e poder. No entanto, não se deve considerar o discurso como uma dicotomia entre discursos aceitos e excluídos, mas como “uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes” (FOUCAULT, 1995, p. 110). Pensar o discurso com Foucault é, portanto, admitir sua relação íntima com o desejo e poder. É nessa instância em que se encontra o discurso sobre a sexualidade na sociedade contemporânea, nessa relação tensa entre saber/poder/resistência:

A sexualidade, entendida como um ponto de passagem denso pelas relações de poder entre homens e mulheres, jovens e velhos, pais e filhos, entre educadores e alunos, torna-se um instrumento no qual se apoiam e se articulam as mais variadas estratégias. Com isso, entendemos que a redução do sexo à função unicamente reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta, tendo como único lugar legítimo o casamento, não dá conta dos mais variados objetivos e ações nas políticas sexuais no que tange aos dois sexos”. (NAVARRO; MIRANDA, 2016, p. 39)

A partir dessa reflexão, pensamos a “polêmica” que gira em torno da cena com “beijo gay” no desenho animado infantil da *Disney*. Como um reflexo da diversidade sexual na sociedade ocidental e, principalmente, na visibilidade que esse tópico possui na mídia contemporânea, verificamos que alguns temas da sexualidade humana, como a homossexualidade, mesmo com tantos espaços conquistados pela resistência, ainda se apresentam como tabu na sociedade, pois colocá-los na ordem do discurso parece gerar certo espanto ou “desconforto”. O beijo em desenhos infantis não é nenhuma novidade, mas o que fez esse acontecimento reverberar socialmente é a presença do beijo homoafetivo.

2 SEXUALIDADE EM DISCURSO: A POLÊMICA DO BEIJO GAY

De acordo com Foucault, a história da sexualidade supõe duas rupturas. A primeira no século XVII, centrada nos mecanismos de repressão e a segunda no século XX, quando os mecanismos de repressão começam a afrouxar: “a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e sua condenação pela lei

eliminada em parte”, como também, “os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças” (FOUCAULT, 2017, p. 125).

Aquilo que nos apontou Foucault, ainda no século XX, vemos proliferar com ainda mais vigor no século XXI. Essa vontade de saber sobre o sexo tenta agora dar conta das diferentes práticas e rearranjos familiares. Nunca antes na sociedade ocidental se falou tanto sobre a sexualidade humana, mas principalmente, sobre as diferentes formas de se concebê-la. No caso da homossexualidade, que nos interessa particularmente nesse artigo, Foucault (2017) afirma que:

O aparecimento no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e ‘hermafroditismo psíquico’ permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de perversidade; mas também possibilitou a constituição de um discurso de ‘reação’: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’, e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. (p. 111)

A comunidade LGBT continua lutando para conquistar o seu espaço, combatendo o discurso *heteronormativo*, que naturaliza as categorias de masculino e feminino, ancorado em um determinismo biológico. Como resultado, vemos a causa LGBT no Congresso Nacional com representantes e leis que normatizam as relações homoafetivas. Também mais espaço nas artes, na televisão, no cinema e na literatura. Além disso, a *Parada Gay* aqui no Brasil é um espaço *heterotópico*³ de autoafirmação dos indivíduos gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis, além dos simpatizantes da causa.

Nesse sentido, o movimento LGBT é historicamente marcado como sendo de resistência e vem ganhando cada vez mais força em nossa sociedade. Não esqueçamos que sobre ele incide também o dispositivo da sexualidade, pois o discurso sobre a homossexualidade está em disputa, numa relação tensa entre saber/poder, principalmente ao se reportar à dimensão de gênero e sexualidade no universo infantil. De acordo com Gregolin (2015):

³ [...] as heterotopias são espaços do diferente, do outro, são ‘contestações míticas e reais do espaço em que vivemos’. São lugares reais, mas que estão fora de todos os lugares reais. (GREGOLIN, 2015, p. 201).

É, pois, a partir da reflexão sobre as transformações históricas do fazer e do dizer na sociedade ocidental – práticas discursivas que provocam fraturas, brechas e rearranjos nas configurações do saber, do poder e da subjetividade – que se edifica o pensamento foucaultiano. (p. 193)

Dessa forma, a partir do pensamento foucaultiano e considerando as condições de possibilidade de emergência de certos enunciados sobre a sexualidade na sociedade contemporânea, objetivamos analisar como o acontecimento discursivo – o beijo gay em um desenho infantil – pode se configurar como um desses momentos em que encontramos um indício dessa transformação histórica que estamos vivenciando.

O episódio “Steven Universo”, da série *Star vs. As forças do mal*, foi a primeira produção animada dos estúdios *Disney* a apresentar um beijo entre duas pessoas do mesmo gênero. Nenhum dos filmes ou séries de animação da empresa haviam mostrado um beijo gay até esse momento. Não ocorreu entre os personagens principais, mas durante um show de música pop, o público começou a se beijar, e no meio dele, havia um casal formado por duas mulheres e outro, por dois homens.

Henry A. Giroux, um representante da teoria crítica educacional da atualidade, voltando-se para as áreas que englobam a problemática da cultura popular, assim como das artes de um modo geral, aponta que há, por parte das grandes empresas da mídia, através das produções televisivas e cinematográficas infantis, uma tentativa de organização e controle da cultura de massa, que “influencia profundamente a cultura infantil e domina cada vez mais o discurso público” (GIROUX, 2003, p. 45), a fim de regular certas práticas sociais e legitimar valores e comportamentos.

A partir dessa reflexão, podemos pensar os desenhos animados enquanto instrumentos reguladores da cultura de massa que podem influenciar a formação cultural e identitária de crianças e adolescentes nos dias atuais. Portanto, essas produções televisivas e cinematográficas são importantes instrumentos de propagação de discursos sobre a sexualidade. Assim, sendo todo discurso histórico, todo dizer é produzido dentro de uma certa *ordem do discurso* (FOUCAULT, 1970), que, numa dada sociedade, num dado momento histórico, determina o que pode ou não ser dito, o que pode ou não ser mostrado na TV.

Dessa forma, as problemáticas levantadas por Foucault estão sempre articuladas a uma reflexão sobre os discursos, “de modo que só conseguimos

falar de subjetividade, de sexualidade e de verdade se encontrarmos enunciados efetivamente ditos” (NAVARRO; MIRANDA, 2016, p. 32).

O enunciado para Foucault é uma função enunciativa, é a unidade elementar do discurso, “como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repetição e em formas específicas de grupamentos” (FOUCAULT, 2007, p. 90). Ao analisar um enunciado buscamos, portanto, uma certa regularidade na dispersão, já que nessa perspectiva, um enunciado faz parte de uma rede de enunciados outros. Por isso, há uma relação muito importante entre o enunciado e aquilo que ele efetivamente enuncia, pois envolve os sujeitos, a história e a própria materialidade do enunciado. Nesse caso, a própria natureza semiológica do conceito foucaultiano de enunciado justifica a análise das imagens enquanto enunciado discursivo.

Assim, independentemente da materialidade por onde circula, todo dizer é produzido sob uma ordem do discurso e deve estar dentro do “verdadeiro da época” para ter legitimidade em um dado momento histórico. Por isso, cabe-nos refletir sobre a pergunta essencial elaborada por Foucault: “por que esse enunciado e não outro em seu lugar?”

Trazemos abaixo um recorte da cena que gerou toda essa reflexão:

Imagem 1



Imagem 2



Créditos da imagem:

Filme *Star vs. Forças do mal*, episódio 20, *Just friends*

Constituída, em sua materialidade, exclusivamente por signos não verbais, nos enunciados 1 e 2, vemos o momento exato em que os casais começam a se beijar na arquibancada, embalados por uma música romântica cantada por uma *boy band* está no palco. Na Imagem I, de maneira um tanto discreta, vemos um casal formado por duas mulheres no canto superior direito.

Na Imagem 2, centralizado, há um casal formado por dois homens. Essas imagens nos revelam modos de se exercer a sexualidade, sendo uma delas a homoafetividade, que se materializa em um discurso fílmico, abordando a diversidade sexual. Essas imagens estão inscritas em um percurso de sentido que se efetiva diante da análise das condições históricas em que este enunciado foi produzido, conforme explanamos anteriormente. Ao reverberarem socialmente, esses enunciados foram ressignificados, gerando novos enunciados.

Objetivando pensar as formas de produção e circulação dos discursos na mídia digital na contemporaneidade, selecionamos alguns enunciados (ENC) que circularam na internet sobre o acontecimento discursivo citado acima:

ENC 1: G1 POP & ARTE

“Disney exhibe primeiro beijo gay de desenho animado: Cena de beijo entre casais formados por homens (e por mulheres) apareceu em episódio da série 'Star vs. as Forças do Mal', do Disney Channel, nos EUA.”

Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/disney-exibe-beijo-gay-pela-primeira-vez-em-desenho-animado.ghtml>

ENC 2: OPINIÃO CRÍTICA

“Disney exhibe "beijo gay" infantil em canal de TV e pretende ampliar personagens homossexuais.”

Disponível em: <http://www.opiniaocritica.com.br/2017/03/disney-exibe-beijo-gay-infantil-em.html>

ENC 3: GOSPEL MAIS

“Disney se abre ao ativismo LGBT e exhibe beijo gay em desenho infantil pela primeira vez.”

Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/disney-beijo-gay-desenho-infantil-88870.html>

ENC 4: CANAL DO PASTOR SILAS MALAFAIA NO YOUTUBE



The image shows a YouTube video player interface. At the top left is the YouTube logo with 'BR' next to it. To the right of the logo is a search bar containing the text 'SILAS MALAFAIA boicote disney'. Below the search bar is a video player showing a man in a light blue checkered shirt sitting at a desk. On the desk, there is a small globe, a glass of water, and some papers. The video player has a progress bar at the bottom showing '0:03 / 3:32'. Below the video player is the video title: 'Pr. Silas Malafaia: Protesto! Disney quer erotizar crianças com homossexualismo!'. Below the title is the channel name 'Silas Malafaia Oficial' with a 'Subscribe' button and '283K' subscribers. To the right of the channel information is the view count '204,580 views'.

ENC 5: CEERT

“Desenho animado da Disney exibe 'beijo gay' discreto e ativistas LGBT comemoram.”

Disponível em: <http://www.ceert.org.br/noticias/comunicacao-midia-internet/15953/desenho-animado-da-disney-exibe-beijo-gay-discreto-e-ativistas-lgbt-comemoram>

ENC 6: A GAMBIARRA

“Disney exibe primeiro beijo gay em um de seus desenhos e o mundo continua girando.”

Disponível em: <https://www.agambiarra.com/disney-beijo-gay/>

ENC 7: PORTAL UOL

“Luana Piovani fala sobre beijo gay em desenho: “É real, existe e está aqui”
Atriz defendeu seu ponto de vista sobre beijo gay em produções infantis

Disponível em: <http://m.natelinha.uol.com.br/noticias/2017/03/22/luana-piovani-fala-sobre-beijo-gay-em-desenho-e-real-existe-e-esta-aqui-106386.php>

ENC 8: ADOROCINEMA

“Opinião: Por que os personagens gays da Disney incomodam, mas não precisariam incomodar – É preciso aprender a lidar com a diversidade no mundo, e no cinema.”

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-129227/>

No ENC 1, o lead da notícia inicia com o nome *Disney*, dando destaque à “produtora” de filmes e animações infantis mais famosa do mundo. Todos os outros enunciados, com exceção do ENC 7, seguem a mesma estrutura, dando destaque ao nome *Disney*, que possui certa soberania no que diz respeito ao entretenimento infantil. Parafraseando o pensamento foucaultiano, não é qualquer um que pode enunciar qualquer coisa em qualquer lugar. Certamente a Disney não é qualquer empresa de entretenimento e tudo que ela produz é noticiado e assistido por pessoas no mundo todo. Essa é uma das razões da cena do beijo ter reverberado com tanta força na mídia mundial. Dessa forma, destacamos que a palavra “primeiro/primeira” dos ENC 1, 5 e 7 revelam a importância desse acontecimento em relação ao “lugar/sujeito/espço” em que foi produzido, caracterizando-o como pioneiro na abordagem desse tema em desenhos infantis, como já foi comentado anteriormente, uma reconfiguração dessa prática discursiva (o beijo) na sociedade ocidental, com o beijo gay em um desenho infantil da Disney configurando-se como um acontecimento discursivo.

O ENC1 foi produzido pelo G1, que é um site jornalístico de certa credibilidade no Brasil, dessa forma, mesmo que publicado na seção voltada ao entretenimento, *POP&ARTE*, ainda mantém uma certa objetividade ao elaborar o título da notícia. Relembramos que o nome do estúdio que produziu o desenho animado é extremamente importante para entendermos aquilo que Foucault (2014) chama de “procedimentos de exclusão”, mais especificamente o da interdição, que pode incidir no objeto de que se fala, no ritual de circunstância, ou ainda, na forma de direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. No acontecimento ao qual o enunciado se refere, temos a ruptura com essa interdição sobre o objeto, que é a sexualidade, e ao mesmo tempo, a reafirmação da interdição sobre o sujeito, pois o que permite a produção desse enunciado é também o sujeito que o produz, na forma de uma instituição, que

não deixa de ser um lugar discursivo. O fato de ser esse sujeito e não outro é que torna essa cena um acontecimento discursivo que reverbera mundialmente.

Outro fator importante é a questão do beijo. Além do desenho em pauta, outras animações também abordaram a homossexualidade, mas sempre de maneira simbólica ou apenas num tom sugestivo. Recentemente alguns pais de personagens infantis, também são representados como casais homossexuais, uma tendência nos desenhos que reflete aquilo que faz parte da realidade de muitas crianças:

Clarêncio, o otimista - Cartoon Network



Hora de Aventura - Cartoon Network



The Loud House - Nickelodeon



Nenhum desenho animado para o público infantil, até então, teria mostrado um “beijo gay”. Esse fato é especialmente destacado no ENC2. O uso da expressão “beijo gay infantil” deixa muito claro aquilo que gera a grande polêmica. Com registros que datam aproximadamente 1200 anos a.C, em diferentes culturas, com significados diversos, o beijo é sem dúvida um dos atos mais icônicos da história da humanidade.

Desde o indiano *Kama Sutra*, um dos registros mais importantes sobre o sexo na cultura ocidental até os dias de hoje, o beijo vem sendo estudado como parte da história da sexualidade humana, e muitas vezes considerado muito mais um ato cultural do que necessariamente biológico. Foucault confirma isso

em seus estudos sobre a sexualidade, ao pensá-la enquanto dispositivo, que vai sendo tecido em práticas discursivas ligadas aos saberes e aos poderes. É importante apontar que o cinema ajudou a tornar o beijo ainda mais icônico nas relações amorosas. Porém, Hollywood deu continuidade a uma, por assim dizer, ocupação semiótica da boca e do beijo atribuindo a eles novas representações simbólicas de velhos significados: distinção de classes, de gêneros e substituto do ato sexual. Dessa forma, o beijo na sociedade ocidental, representação do desejo e convite ao ato sexual, é, ao mesmo tempo, no universo infantil, também uma forma de alienação do próprio desejo.

Nos contos de fadas infantis, por exemplo, o beijo é um ato poderoso capaz de desfazer maldições. Ele é a concretização do amor que substitui o ato sexual e geralmente precede o casamento. É, portanto, uma prática normativa que resguarda o sexo a um lugar legitimado, que é o casamento, e exclusivo entre casais heterossexuais. O beijo sempre esteve presente nos desenhos animados infantis. O primeiro longa produzido pela Disney, por exemplo, *A Branca de Neve e os Sete Anões* (uma adaptação do conto de fadas dos irmãos Grimm), em 1937, foi responsável por ajudar a propagar essa simbologia em torno do ato de beijar no universo infantil. Por isso, o que gera polêmica nas mídias digitais é a concretização da relação homoafetiva através deste ato simbólico e cultural que é o beijo em um desenho de animação para o público infanto-juvenil: “o beijo gay infantil”.

Nos ENC 3 e 4, nós temos a voz do discurso religioso, através do site GOSPEL MAIS e o canal do pastor Silas Malafaia no *YouTube*, que instituem um modo de significar essa polêmica.

No ENC 3, gostaríamos de destacar a frase “Disney se abre ao ativismo LGBT”. Diferente dos enunciados anteriores, materializa-se aí um tipo de saber/poder com um efeito de aproximação entre a Disney, não enquanto instituição, mas enquanto sujeito institucional, e, portanto, sócio-histórico, e o segmento LGBT, em forma de apoio. A exibição do beijo gay seria, então, a celebração dessa união. O uso do verbo “abrir” nos dá uma pista de que essa união não condiz com as verdades que esse site reverbera, porque a “abertura” se dá mediante algo que anteriormente não se estaria disposto a receber. Apesar de a Disney se abrir a isso, o que também pode ser associado ao dito “mente aberta” – quando se tem disposição para receber coisas novas – verificamos, apenas analisando o título, que essa não é a mesma postura do site, pois em sendo um segmento religioso tradicional, tende historicamente a condenar as

relações homoafetivas. Isso se confirma no trecho a seguiu, que consiste no primeiro parágrafo da reportagem: “O ativismo LGBT na Disney vem *tomando proporções preocupantes*: a gigante do entretenimento infantil exibiu, pela primeira vez, um beijo gay, e já programa a estreia de um filme com um romance homossexual” (grifo nosso). Ao que parece, além de polêmico, o acontecimento a que esses enunciados se referem, nas comunidades cristãs, principalmente protestantes, é um problema e uma questão que requer uma certa atenção dos fiéis, pois está “tomando proporções preocupantes”.

Isso se confirma no ENC 4, que se materializa no seguinte enunciado: “Protesto! Disney quer *erotizar* crianças com homossexualismo”. Esse enunciado-acontecimento dá visibilidade a esse jogo de poder/saber que vem do discurso jurídico, na medida em que ele evoca o *protesto* como forma de oposição, e religioso quando usa a palavra *erotizar*, ao se referir ao acontecimento:

Um dispositivo da sexualidade vai sendo tecido em práticas discursivas ligadas a saberes como a moral, a religião, a ciência, a política, a economia que, também como estruturas difusoras de poder contribuem para o controle, a normatização e o estabelecimento de verdades sobre o corpo e os prazeres. (SILVA, 2014, p. 30)

Nesse mesmo enunciado o nome *Disney* também se destaca, mas como estratégia para responsabilizar ou acusar a instituição de utilizar conteúdos eróticos em seus desenhos infantis. Embora em filmes infantis, já tenha havido beijos mais intensos do que aqueles revelados na cena de *Star vs. Forças do Mal*, o beijo entre duas pessoas do mesmo sexo ainda é um tabu em nossa sociedade, e como tudo que é tabu, tende a viver nas sombras, lançar luz sobre ele gera polêmica. Mas não apenas isto, pois percebemos que muitos seguimentos religiosos são resistentes a essa prática e militam para proteger seus valores e verdades. É uma luta de forças.

Com objetivo de preservar a “inocência das crianças”, o pastor Silas Malafaia, famoso líder da igreja Assembleia de Deus aqui no Brasil, conclama os fiéis de sua igreja a um Protesto, a um boicote à *Disney* e às ideias que ela supostamente vende. Para tal, ele recorre, ao longo do vídeo postado em seu canal do *YouTube*, ao artigo 229 da Constituição Brasileira, à Convenção Americana de Direitos Humanos, artigo 12, e à Declaração Universal de Direitos Humanos, no artigo 26, declarando que em todos eles, a educação das

crianças, inclusive no que diz respeito à sexualidade, é responsabilidade dos pais. O dispositivo jurídico serve, portanto, para validar seu discurso de que a *Disney* educa sexualmente as crianças ao apresentar relações homossexuais em seus desenhos. Além disso, ele afirma no vídeo que “ensinar sexualidade à criança é a coisa mais covarde que tem”. Associar a homossexualidade à erotização, à sexualidade e à covardia produz um efeito de perversidade, fazendo com que recaia sobre ela uma certa intolerância, visto que com isso o bem-estar da criança é ameaçado. De acordo com Foucault (2014) a infância, na história da sociedade ocidental, tem sido um lugar de preservação da inocência e interdição do sexo e negação da sexualidade.

Para confirmar essa luta de forças, temos os ENC 5, em que destacamos a frase “ativistas LGBT comemoram”. Nesse enunciado, podemos entender que para a comunidade LGBT, o “beijo gay” é uma espécie de vitória. É uma conquista, porque não se trata de qualquer instituição, é a *Disney* em toda a sua abrangência mundial dando visibilidade às relações homoafetivas num espaço tão sensível que é o universo infantil. Esse jogo de saber/poder entre os segmentos LGBT e as comunidades religiosas revela essa disputa pela vontade verdadeira, pelos valores, normas e estilos de vida dos quais nos falou Bauman e principalmente pelo poder, do qual nos fala Foucault através do dispositivo da sexualidade.

Nos ENC 6, 7 e 8 podemos encontrar ainda outras formas de reverberação desse acontecimento. No ENC 6, destacamos a frase “e o mundo continua girando”. Que diferente de todas as outras produz um efeito de não importância ao acontecimento, normalizando a prática do beijo homoafetivo. No ENC 7, o único em que o nome *Disney* não aparece, temos, no entanto, a presença de outro sujeito discursivo: a atriz brasileira Luana Piovani, um sujeito socialmente legitimado e com autorização para enunciar, tendo em vista sua popularidade. “É real, existe e está aqui”, diz a atriz. O que ela quer dizer com isso, e o que efetivamente está sendo dito? De acordo com Gregolin (2003) para Foucault:

Um discurso só é aceito em uma época quando segue a racionalidade, o modo de legitimar a separação entre o verdadeiro e o falso, isto é, se diante do verdadeiro e do falso se posiciona de acordo com a vontade de verdade vigente em sua época. (p. 193)

Entendemos, dessa forma, que a realidade da qual Luana Piovani se refere, *o estar aqui* compreende a uma vontade de verdade que ainda não se tornou o verdadeiro de uma época, mas que, como sugerimos, pode ser exatamente esse momento de transição, entre aquilo que efetivamente acontece e o que é aceito socialmente.

Por fim, no ENC 8, do site ADOROCINEMA, encontramos aquilo que pode ser considerado como o verdadeiro da época, que é justamente a questão da diversidade: “Por que os personagens gays da Disney incomodam, mas não precisariam incomodar _ É preciso aprender a lidar com a diversidade no mundo, e no cinema”. O questionamento materializa o jogo de poder/saber ao qual nos referimos acima, pois coloca em discussão o incômodo e a necessidade de não incomodar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer, com base no que analisamos até aqui, que há uma necessidade de autoafirmação do sujeito homossexual, o qual tem ganhado espaço em nosso meio social. Verificamos que, se por um lado, a manifestação da homossexualidade é ainda apontada como um comportamento sexual desviante, sobretudo por alguns segmentos religiosos, por outro lado, houve a quebra de um tabu social com a introdução do beijo gay no universo infantil por uma das maiores produtoras de filmes do mundo, a *Walt Disney Studios Motion Pictures*, que é destaque em todos os enunciados, mesmo que implicitamente, como é o caso do ENC 7.

Dessa forma, entendemos que diante do avanço irrefutável das discussões sobre as relações homoafetivas e as novas concepções de família, parece-nos que a heterossexualidade ainda resiste como uma instância que alicerça, via discurso, construções sociais e culturais de identidades e de gêneros, pois do contrário, cenas como essa que foram tratadas neste trabalho, não necessitariam ser polemizadas. No entanto, podemos perceber certas rupturas com o regime heteronormativo e uma afirmação da diversidade sexual em nossa sociedade. Ao que parece, o desenho animado em questão materializa em seu enunciado uma prática discursiva que faz parte da realidade de muitas crianças. Nessa perspectiva, nossa análise aponta para “a luta perpétua e multiforme” na qual se encontra a sexualidade.

Toda essa reflexão nos remete àquilo que Foucault afirmou ser seu principal interesse, o sujeito e suas formas de objetivação e de subjetivação, pois

“o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1995, p. 232). Trata-se, portanto, de rupturas, deslocamentos e transformações constantes na constituição dos sujeitos. Outrossim, “é por meio dos processos de subjetivação que se chega ao que se entende modernamente por sujeito” (SILVA, 2014, p. 63), e se produzem sujeitos singulares, sob determinadas condições sociais e históricas através dos discursos que circulam atualmente.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. trad. Maria Albuquerque & J. A. Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 1976.
- _____. In: DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231 – 249.
- _____. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 294.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GIROUX, Henry. Ensinando o cultural com a Disney. In: *Atos Impuros: a prática Política dos Estudos Culturais*. GIROUX, Henry (Org.). Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003. p. 2-12.
- GREGOLIN, M. Rosário. Discurso e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In. *Análise de discursos em rede: cultura e mídia*. FLORES, G.G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (Orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 191-2011.
- _____. O acontecimento discursivo na mídia: metáforas de uma breve história do tempo. In.: *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. GREGOLIN, M. R. (Org.). São Carlos: Claraluz, 2003, p. 95-110.
- _____. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In.: *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. SARGENTINI, V.; NAVARRO, P. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 24-44.
- JUNIOR, Durval M. A.; VEIGA-NETO, A. FILHO, Alípio S. Uma cartografia das margens. In.: *Cartografias de Foucault*. JUNIOR, Durval M. A.; VEIGA-NETO, A. FILHO, Alípio S. (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 9-11.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. MACHADO, Roberto (Org.). Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- NAVARRO, Pedro; MIRANDA, A. Zingara. Contra o que lutamos, como lutamos e de qual lado estamos? Discurso, poder e resistência. In.: *(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências no discurso*. CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). São Carlos: EduFSCar, 2016, p. 31-46.

SILVA, J. J. Domingos. *Do armário ao altar: a constituição do sujeito homoafetivo nos jogos de verdade do discurso midiático*. Tese (doutorado). UFPB: João Pessoa, 2014. p. 28-49.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de novembro de 2017.

Aprovado em sistema duplo cego em: 16 de fevereiro de 2018.